



Prémio Fé e Liberdade

Muito obrigado pela generosidade das vossas palavras e da vossa presença. Encontro-me hoje perante vós com um misto de incómodo e gratidão, em doses iguais. Incómodo, pela controvérsia que agraciarem-me com este Prémio fez recair sobre o Instituto de Estudos Políticos e a Universidade Católica Portuguesa. Profunda gratidão, pelo reconhecimento e a honra que me concedem e de que, em nenhuma medida, me sinto merecedor.

No dia 13 de Maio deste ano, no regresso de uma viagem, encontrei uma carta, datada de 5 de Maio, dando-me conta de que entendera, por unanimidade, o ilustre Júri presidido pelo Prof. Doutor João Carlos Espada distinguir-me com o Prémio Liberdade e Fé deste reputado Instituto.

De certo guiado por Nossa Senhora de



POR
Alexandre Soares dos Santos

Fundador da
Fundação Francisco
Manuel dos Santos

Fátima, nesse mesmo dia 13 de Maio respondi, agradecendo, claro, mas pedindo que fosse revista a decisão na medida em

que nada em mim me dizia, nem diz, ser merecedor de tão elevada distinção.

Quase um mês depois desta minha carta de que vos falo, conheceu-se uma outra, intrigantemente datada de 8 de Junho que foi o Domingo de Pentecostes, esse dia em que os cristãos celebram a vinda do Espírito Santo e a força da mensagem de Jesus, e que foi tornada pública pelos signatários uns dias depois.

Essa carta, motivada pela atribuição do Prémio que aqui venho, honrado, aceitar, levanta sobre a minha pessoa

dúvidas caluniosas e desferiu ataques pessoais que não compreendo.

Foi-me sempre muito difícil, para não dizer mesmo que impossível, compreender a violência e agressividade em nome de Cristo.

Confessadamente indignados, perplexos e tristes com a notícia da distinção que me fora atribuída pelo Instituto de Estudos Políticos, uma trintena de católicos, assumindo-se como «a voz dos cristãos», veio acusar-me de «expedientes fiscais para fugir aos impostos», de «práticas de exploração do trabalho humano», e de representar, por via de uma fortuna pessoal alegadamente «colossal», «um risco para democracia e para a coesão social».

Compreendo e respeito, com sinceridade, que não se goste de mim ou do que se acha que eu represento.

Mas não aceito estas calúnias.

Repudio este exercício de superioridade moral e não me vergo à tentativa de intimidação que tal manifesto constitui.

É justamente contra estes juízos demagógicos, contra a instrumentalização fácil e apressada da mensagem do Papa Francisco, e em nome da Liberdade que deve assistir a todos os Homens que decidi aceitar a distinção com que me honram.

Não porque dela seja verdadeiramente merecedor.

Mas porque não me deixo intimidar, nem embaraçar, nem calar, por ataques públicos sejam de que espécie forem.

Tudo o que fiz em quase 80 anos de existência foi tentar viver à altura das minhas responsabilidades e dos meus valores enquanto filho, neto, pai, marido, irmão, empregador, cidadão e cristão.

Foi pouco? Certamente...

Consegui sempre ser o melhor que podia? Certamente que não...

Mas posso dizer que, em cada momento, fiz o melhor que soube e que pude nas circunstâncias que foram, e que são, as minhas.

E para me julgar, confio em Deus, quando a minha hora chegar.

E na minha consciência, enquanto por cá andar.

A minha vida foi, e é, o resultado daquilo em que fui capaz de acreditar e das minhas escolhas, conscientes e livres.

Fé e Liberdade são, por isso, para mim, conceitos inseparáveis.

Tenho a graça de ser um homem que

confia facilmente nos outros, alguém a quem as desilusões nunca tiveram o poder de fazer deixar de acreditar.

Acredito que a esmagadora maioria das pessoas tende a escolher aquilo que entende ser o correcto, mesmo quando isso implica alguma dose de sacrifício.

Essa convicção pessoal, esse optimismo face à natureza humana, enfim... essa fé no Homem... estiveram sempre presentes nas minhas decisões.



Entendo a liberdade como a possibilidade de decidir fazer, ou não, algo que depende de mim. Como a possibilidade de dizer sim, ou não, a alguma coisa que posso controlar. Mas também como a possibilidade de escolher reagir de uma forma ou de outra a algo que não controlo, que não desejo, mas que, ainda assim, posso decidir como lhe respondo

Entendo a liberdade como a possibilidade de decidir fazer, ou não, algo que depende de mim. Como a possibilidade de dizer sim, ou não, a alguma coisa que posso controlar.

Mas também como a possibilidade de escolher reagir de uma forma ou de outra a algo que não controlo, que não desejo, mas que, ainda assim, posso decidir como lhe respondo.

Como nas doenças graves e nas fatalidades, em que é preciso escolher como queremos reagir, mesmo se não está ao nosso alcance impedir que algo de mau aconteça.

Tive, e tenho, na vida, a sorte de poder viver livremente sem grandes constrangimentos.

De poder decidir, escolher, agir.

Nasci num país e numas circunstâncias que me permitem viver livremente a minha fé, escolher o meu caminho, dizer sim ou não de acordo com a minha vontade.

Sabemos demasiado bem como estas liberdades não estão ao alcance de todos os seres humanos.

Como os fundamentalismos, em todas as religiões do mundo, constituem cada vez maior ameaça à liberdade e à graça de cada homem e mulher podem viver livremente a sua fé.

Como a intolerância e o desrespeito pela diversidade crescem a cada dia que passa, ferindo de morte a liberdade que deve assistir a cada ser humano de poder ser quem é.

Ainda há dias, na capital da Noruega, um homem atacou o líder islâmico de Oslo com um machado, ferindo-o gravemente. Na Noruega, meus senhores! Que é classificada como o melhor país em desenvolvimento humano, um dos melhores para se viver e um dos mais pacíficos do mundo.

Essa Noruega onde o extremista de direita Breivik já em 2011 havia chocado o mundo ao assumir, sem arrependimento, o massacre de 77 pessoas motivado por razões de divergência política.

O ódio religioso, a incapacidade de diálogo entre diferentes, os fundamentalismos de toda a espécie constituem perigos que todos devemos considerar nosso dever combater. Em nome da Liberdade.

Penso que o acesso à informação, ao conhecimento, à educação, são armas importantes. Também por isso decidi,

com a minha família, criar a Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Porque não concebo a Liberdade sem o Conhecimento, porque acredito que só pode de facto decidir livremente quem o fizer em consciência. Ou seja, conhecedor das realidades e ciente das possíveis consequências das suas escolhas. E isto traz-me à Responsabilidade. Temos a obrigação de honrar a Liberdade, levando-a muito a sério.

Infelizmente, não é essa relação incontornável entre Liberdade e Responsabilidade que vejo actualmente enformar as acções e as escolhas.

Os cidadãos portugueses têm de ser mais responsáveis e não se demitir da intervenção e da participação.

A Democracia é Diálogo! É uma estrada de dois sentidos ou É MENTIRA!

Afligi-me tremendamente, ainda que não me tenha surpreendido, a derrota que foi a abstenção histórica registada nas eleições europeias de Maio passado.

Quase dois terços dos portugueses residentes em Portugal não foram votar.

Não posso interpretar isto senão como uma desistência, um alheamento e uma falta de confiança nas instituições democráticas.

Mais de 98% das comunidades portuguesas residentes no estrangeiro não foram votar.

A indiferença por parte dos cidadãos

que estes níveis de abstenção demonstram perante os destinos da Europa, e de Portugal na Europa, é confrangedora.

O ressurgimento das forças de extrema-direita na Europa, com Marine Le Pen e a sua Frente Nacional a arrecadarem 25% dos votos dos franceses que



(...) acredito que só pode de facto decidir livremente quem o fizer em consciência. Ou seja, conhecedor das realidades e ciente das possíveis consequências das suas escolhas. E isto traz-me à Responsabilidade. Temos a obrigação de honrar a Liberdade, levando-a muito a sério

foram às urnas é aterrorizante.

A França, meus senhores, o país que fez a Revolução da «Liberdade, Igualdade, Fraternidade»! Obrigá-nos a pensar...

Temos a responsabilidade intransmissível de agir, de dar a cara, de perceber que a liberdade, que tanto custou a tantos conquistar, tem consequências.

E que essas consequências têm de ser assumidas, não podem ser ignoradas ao sabor das conveniências.

A liberdade também é a coragem de escolher, conscientes de que temos de viver com as consequências das nossas escolhas e dos nossos actos.

A liberdade também é a coragem de nos arrependermos quando escolhemos e fazemos mal.

A coragem de corrigir, de dar a cara pelos erros e seguir em frente, procurando, a cada dia, decidir menos mal.

A liberdade, tal como a entendo, é sempre uma conquista da força do nosso querer.

Desse querer que também nasce da fé e da vontade que nos guiam no caminho.

Porque mesmo que alguns sonhos permaneçam para sempre fora do alcance da nossa capacidade de concretização, é inalienavelmente nossa a liberdade de continuar a sonhar.

E de nunca desistir.

Muito obrigado. ■

